

**NARRATIVAS MODAIS DA COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL –
ANÁLISE DO FILME “CRASH”**

Maria Pinheiro¹

RESUMO: Análise do filme “Crash” (2004) como objeto de estudo para a exploração das narrativas modais da comunicação intercultural.

PALAVRAS CHAVE: “Crash”; “Narrativas Modais”; “Comunicação Intercultural”.

ABSTRACT: Analysis of the film “Crash” (2004) as an object of study for the exploration of modal narratives in cross-cultural communication.

KEY WORDS : “Crash” ; “Modal Narratives” ; “Cross-Cultural Communication”.

¹ Aluna do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, ISCAP. Licenciatura em Assessoria e Tradução. Estágio Curricular no Centro de Estudos Interculturais do ISCAP.

Introdução

Existem infinitas formas de cultura.

Na unidade curricular de Comunicação Intercultural, pertencente ao curso de Assessoria e Tradução, exploramos a evolução da cultura, os seus diversos significados, os diferentes valores atribuídos, os códigos comuns e distintos. Concluimos que a cultura não é estática, está em constante mutação, criando e destruindo, mantendo e modificando discursos e estruturas de pensamento ao longo do tempo e no espaço.

Esta análise colocará em prática o conhecimento empírico que adquiri sobre cultura, utilizando o filme americano “Crash” (2004) como objeto de estudo, para realizar uma análise multimodal da comunicação intercultural, através das diferentes situações e personagens.

“Crash”

“Crash” é um filme de drama dirigido e escrito por *Paul Haggis* que estreou no ano de 2004. É protagonizado por um leque excepcional de atores como *Sandra Bullock, Don Cheadle, Matt Dillon, Thandie Newton, Terrence Howard, Jennifer Esposito, Ludacris, Brendan Fraser*, entre outros.

Uma narrativa em que os caminhos de todas as personagens se interligam, contando uma história comum de diferentes raças, classes sociais, gêneros, poder e família que colidem na cidade de Los Angeles nos Estados Unidos da América, pós ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. O filme é descrito pelo diretor como uma experiência social do conflito que é real e atual, existente numa sociedade globalizada e diversificada num momento de grande tensão da história.

O filme foi recebido de forma polarizada pelo público, mas algo que todos concordam é que o mesmo, se bem que por vezes exagerado, é um espelho de uma realidade vigorante que deveria ser apenas fictícia.

Apesar de ter quinze anos “Crash” continua a ser pertinente devido à veracidade e perduração no tempo de comportamentos discriminatórios, preconceitos, ideias elitistas e ideais hierarquizados que se mantêm vivos em 2022.

Narrativas Modais da Comunicação Intercultural – Desconstrução

Na cena de abertura do filme após um choque de carros, o detetive Waters ilustra os eventos que decorreram ao longo da história com a seguinte passagem: *“It’s the sense of touch... In a real city, you walk, you know? You brush past people, people bump into you. In LA, nobody touche’s you. We’re always behind this metal and glass. I think we miss that touch so much, that we crash into each other, just so we can feel something.”*

Este impulso de esbarrar com as pessoas deve-se à multiculturalização, que no fundo, é a existência de diferentes culturas num mesmo espaço, mas que estão separadas pelas suas diferenças.

São como sociedades paralelas em que os estereótipos e preconceitos se mantêm vivos e presentes, e não existe a tentativa de conhecer, aprender e aproximar as diferentes realidades. Não existe tolerância nem respeito entre elas, porque não se entendem verdadeiramente, não partilham códigos nem tentam relacionar-se. Não há procura de igualdade nem equidade. No fundo, não há comunicação e as barreiras continuam erguidas.

Los Angeles é uma das cidades mais diversificadas do mundo, em que sociedades paralelas estão muito presentes, o que resulta no surgimento de conflitos, como é ilustrado em “Crash”.

Todas as personagens sentem que a sua identidade individual é a válida, que a sua opinião é a realidade, e escondem-se atrás de identidades coletivas como a raça ou grupo social para defenderem os seus discursos.

Farhad: História de Religião, Nacionalidade e Discriminação

Farhad é um homem de meia idade, muçulmano-americano, natural da Pérsia, patriarca da sua pequena família, a viver nos Estados Unidos da América, numa realidade pós ataques terroristas do 11 de setembro de 2001, coordenados pela organização fundamentalista islâmica al-Qaeda.

Num momento de grande tensão nos EUA, Farhad decide comprar uma arma de fogo, ilegalmente, para proteger a sua família de ataques preconceituosos, em retaliação pelos eventos terroristas ocorridos no país.

O dono da loja, homem americano branco, não quer atendê-lo, devido à propagação dessa representação exacerbada de que todos as pessoas do Médio-Oriente são iguais, e que por isso partilham os mesmos valores que al-Qaeda.

Desta forma, acaba por desconsiderar que mesmo pessoas seguidoras da religião islâmica, não têm automaticamente as mesmas crenças extremistas desta organização fundamentalista, e que existem mais religiões e nacionalidades neste território geográfico.

É importante notar que existe uma distinção entre países que no fundo são fronteiras, uma identidade política, e Nações que são um sentimento de pertença, de identidade, de cultura e memória.

O homem refere-se a Farhad como “Ossam” em forma de insulto, igualando-o a *Ossam Bin Laden*, o homem responsável pelos ataques terroristas. Demonstra um desconhecimento, desrespeito e pensamento essencialista, reduzindo os membros de toda uma região geográfica, com diferentes nacionalidades, religiões e culturas, a terroristas e fanáticos.

Farhad exalta-se e é obrigado a sair da loja.

A filha Dorri permanece no estabelecimento para terminar a compra e o homem desconsidera-a, bem como ao seu conhecimento de armas de fogo, por esta ser mulher, demonstrando uma atitude sexista e retrógrada, fundamentada simplesmente pelo facto de por ser do sexo feminino, Dorri possui menos conhecimento do assunto.

Esta família é de uma classe social mais baixa e por isso a sua loja de conveniência é a sua fonte de rendimento.

A loja é assaltada e vandalizada por pessoas que tentam intimidar a família, escrevendo insultos e destruindo propriedade privada, deixando-os numa situação de prejuízo profundo.

Num país que não é o seu, para o qual imigraram para se sentirem mais seguros e à procura de novas oportunidades e melhor qualidade de vida, encontram-se a ser perseguidos e julgados por crimes que não cometeram.

Na sequência do assalto, são informados que o seguro não cobrirá os prejuízos, pois a loja foi assaltada devido a um problema com a porta, do qual eles tinham sido informados que teriam que substituir, e por não o terem feito, declararam o seu comportamento como negligente.

Farhad, desesperado dirige-se a casa do homem que tinha arranjado a fechadura e o qual primeiramente o informou da necessidade de trocar a porta, com uma arma.

Farhad confronta o homem, Daniel, em frente à sua casa, enquanto a filha do mesmo está à sua espera. Numa discussão acesa exige que lhe pague o prejuízo, apontando-lhe a arma. A menina corre para ajudar o pai e a arma dispara acidentalmente.

A tragédia é prevenida devido às balas não serem compatíveis com a arma e, portanto, não terem sido verdadeiramente disparadas.

Após o sucedido, Farhad, agora consciente da loucura que quase cometeu, agarra-se à sua fé, e agradece a um “anjo da guarda” que preveniu este acontecimento.

Anthony e Peter: História de Racismo, Estereótipos e Discriminação

Anthony e Peter são dois jovens afro-americanos que residem na cidade de Los Angeles.

Ao saírem de um café, Anthony, o mais cínico e opinativo dos dois, reclama do serviço, alegando que esperaram mais tempo que todos os outros clientes, que são brancos, e relaciona-o com o facto de ambos serem negros e por isso terem sido tratados de forma diferente. Peter, que não vê malícia em nada, relembra-o que a mulher que os atendeu também era negra, pelo que a declaração de Anthony não faz sentido. O jovem de opiniões convictas defende o seu argumento alegando que ela não prestou um bom

serviço, pois assumiu que dois rapazes negros não iriam dar uma gorjeta generosa, ao contrário da maioria dos clientes brancos.

- *“We’re black, and black people don’t tip. So somebody like that, not gonna waste her time. People like that? Nothing you can do to change their mind’s”*. – Anthony.

- *“Well how much did you leave her?”* – Peter.

- *“None. You expect me to pay for that kind of service ?”* – Anthony.

É notável que Anthony acredita que discriminação racial entre brancos e negros existe. O que também é notável é que ele se comporta de forma a comprovar e perpetuar esses estereótipos pré-existentes, talvez por ter noção que é o que esperam dele.

Podemos então concluir que os valores, ou seja ensinamentos passados de geração em geração numa dada sociedade, do que é bom ou mau, desejável ou indesejável e aceite ou não aceite, neste caso na sociedade norte americana, é que negros não dão boas gorjetas, talvez por na maioria dos casos serem de uma classe social mais baixa e não terem tantas possibilidades. A atitude de Anthony, reflexão que ele faz deste valor nesta situação específica no dia a dia e no processo de socialização, é que este valor é negativo e discriminatório. Contudo, o comportamento adotado é o de não dar nenhuma gorjeta, alegando que o serviço foi mau, perpetuando assim esse valor na realidade em que está inserido.

Ao mesmo tempo que os amigos estão a ter esta conversa um casal de meia idade branco de classe social mais elevada, desloca-se na direção deles e a mulher agarra o braço do homem.

Anthony, mais uma vez, fica extremamente ofendido com a reação, atribuindo-lhe o significado de que ela se agarrou ao marido pois ia cruzar-se com dois homens negros e ficou com medo.

Esta é a representação que ele faz derivado do seu conhecimento e da forma como percebe o mundo. A realidade é que a mulher estava com frio e sem casaco.

- *“If anybody should be scared around here, it should be us. We are the only two black faces surrounded by a sea of overcaffeinated white people, patrolled by the trigger happy LAPD (Los Angeles Police Department). So you tell me, why aren’t we scared?”* – Anthony.

Anthony faz outra interligação entre a raça e o comportamento de outros, neste caso, o facto da Policia de Los Angeles tratar pessoas negras de forma diferente e mais agressiva, em especial jovens negros. Faz a alusão a serem “*trigger-happy*” expressão que significa que são rápidos a disparar primeiro, e fazer perguntas depois.

Quinze anos depois, a Policia de Los Angeles continua a ser acusada de discriminação e racismo, o que em 2020 despoletou o movimento “*Black Lives Matter*” para que houvesse uma reformação dos procedimentos policiais e o julgamento de policias que assassinaram pessoas de cor que não estavam armadas ou que não tinham cometido qualquer crime.

Imediatamente após o casal passar pelos amigos e se dirigir para o seu carro, os dois seguem-nos, apontando-lhes armas e roubando-lhes o veículo.

Novamente, Anthony demonstra raiva pelas perceções negativas, estereótipos e discriminação existentes contra pessoas de raça negra, mas comporta-se exatamente como “se espera” que se comporte, demonstrando resignação.

Os amigos acabam ainda por atropelar um homem coreano, e neste momento é possível entender que Anthony considera errado a discriminação que existe por parte de pessoas brancas para com pessoas negras, mas tem o mesmo comportamento para com uma pessoa asiática. Considera errado utilizarem o termo “*Nigga*”, mas utiliza o termo “*China Man*” quando menciona o homem que atropelaram.

Novamente no filme, podemos entender que as personagens se julgam umas às outras pela sua aparência e que não existe verdadeiro conhecimento e interesse em diferenciar e respeitar diferentes nacionalidades e culturas, colocando todos que aparentam ser iguais no mesmo saco.

Não existe respeito pela identidade coletiva e muito menos pela identidade individual, sendo esta nula e desimportante.

Passado uns dias, os dois voltam a tentar roubar outro carro, mas desta vez, não se apercebem que tentam assaltar um homem negro e chocados com a reviravolta são dominados pelo dono do carro que oferece luta. Peter foge do local, mas Anthony permanece no carro e é nesse momento que a polícia aparece e começa a perseguir-los.

O condutor acaba por sair do carro e enfrentar a policia que está disposta a disparar se ele não obedecer, e é nesse momento que um polícia jovem, branco, defende o homem, acalma-o e previne que mais uma tragédia ocorra, mandando-o embora com um aviso.

Anthony que vê a situação escondido no carro fica chocado ao ver um homem branco, polícia, a proteger um homem negro e a salvar-lhe a vida. Este momento desconstrói toda a sua percepção de pessoas brancas e mesmo da polícia, dos quais tinha uma ideia completamente diferente.

Dias mais tarde, rouba uma carrinha, e quando vai vendê-la por partes, descobre que dentro da mesma, se encontram tailandeses traficados. O homem a quem ia vender a carrinha diz que compra as pessoas e dá-lhe a carrinha de volta. Anthony talvez pelo choque de realidade que sofreu dias antes, salva as pessoas e liberta-as.

Peter pede boleia nas ruas de Los Angeles, ao anoitecer, após ter fugido do local onde ele e Anthony tentavam roubar um carro.

Um jovem branco, Tom, dá-lhe boleia. Esse mesmo jovem é o polícia que durante essa mesma tarde tinha salvo o homem negro, que Peter e Anthony tentaram assaltar, de ser morto a tiro pela policia durante essa alteração.

A conversa começa por ser amigável, mas Tom, desconfiado pela aparência de Peter, começa a ficar nervoso e ordena-lhe que saia do carro quando acha que este está a gozar consigo. Peter que achou piada a ambos terem o mesmo Santo, vai a retira-lo do bolso para mostrar a coincidência. Tom pensa que o jovem retirará uma arma do bolso e dá-lhe um tiro, matando-o. Depois do sucedido, procura a arma que pensava que ele tinha e vê o objeto. Culpado e com medo, deixa o corpo à beira da estrada e queima o carro.

Anthony, que de ambos era o mais desconfiado e que acreditava que todos os brancos eram racistas e que todos os negros viviam discriminados e num perpétuo estado de inferioridade e insegurança, vê-se numa situação em que essas percepções são postas em causa.

Peter, o mais calmo e quase ingénuo dos amigos, que vivia sem dar muita atenção a esse tipo de coisas e que demonstrava beneficio da duvida e confiança nos outros, é morto, devido a uma errada percepção que alguém criou a seu respeito. Ambos representam exemplos de estruturas de pensamento e sentimento distintas.

Jean: História de Privilégio, Desconfiança e Estereótipos

Jean é uma mulher branca, na casa dos trinta anos, de estatuto social alto, casada com Rick Cabot. Jean vive uma vida de privilégio e sente-se superior aos outros, tratando quem trabalha para si de forma fria, ríspida e com desconfiança. O casal Cabot vive em conflito, pois Jean acredita que o marido trabalha muito e não lhe dá atenção.

Após um jantar fora, Jean com frio agarra-se ao marido enquanto o casal passa por dois jovens negros, dirigindo-se para o seu carro. Nesse momento são atacados pelos mesmos que lhes apontam armas e roubam o seu veículo.

No dia seguinte, Jean trata mal um jovem que está a trocar as fechaduras de sua casa, exigindo ao seu marido que as mesmas sejam trocadas por outra pessoa.

Ela insiste que Daniel, que é hispânico e tem tatuagens, pertence a um gangue, utilizando o termo “*gang banger*” e descreve-o da seguinte forma: “*shaved head, pants around his ass, tattoo prisons*”.

Ela argumenta que assim que ele sair de casa deles, ele venderá as chaves das novas fechaduras e eles serão novamente assaltados. O marido considera que ela está a exagerar, e ela diz que da última vez que não seguiu o seu instinto lhe apontaram uma arma à cabeça.

- “*If a white woman see’s two black men going in her direction and change’s route’s she is a racist. I was scared and didn’t say anything and ten second’s later i had a gun to my head*” – Jean.

É possível identificar que Jean é infeliz e que está a sofrer de stress pós-traumático do assalto. O seu comportamento para com os outros é sim influenciado por esses fatores, mas também por ser privilegiada e não ter empatia por ninguém, de tão focada que está em si própria e no seu sofrimento.

Jean olha para a superfície, o aspeto físico neste caso, e pensa que sabe perfeitamente quem Daniel é. Na verdade, o homem hispânico, nos seus vinte anos, é trabalhador, honesto, justo e apenas quer proteger a sua família. Daniel cresceu num bairro violento e após uma bala perdida ter quase morto a sua pequena filha, ele toma a decisão de mudar de bairro e de casa, para um local mais seguro para proteger quem ama. Jean constrói por

isso uma representação que não poderia ser mais diferente da realidade, julgando desta forma alguém que não conhece e tratando-o de forma desrespeitosa e discriminatória.

Jean acaba também ela por enfrentar as suas ações. Quando cai das escadas, não conseguindo contactar ninguém que se disponibilize a ajuda-la recorre por fim à sua empregada de casa, uma mulher espanhola nos seus cinquenta anos muito simpática, a quem Jean sempre tratou com desprezo e como se ela fosse inferior, demonstrando um comportamento elitista.

Ela ajuda-a, levando-a ao hospital e tratando dela com carinho e cuidado, como se fosse da sua própria família. Jean acaba por admitir que ela é a melhor amiga que tem.

Graham: História de Racismo, Abuso de Poder e Responsabilidade Social

Graham Waters é um detetive afro-americano na cidade de Los Angeles, nos seus quarenta anos, que se encontra a investigar um tiroteio entre polícias, um branco e um negro, que resultou na morte do último. Ele e a sua parceira Ria, mulher hispânica nos seus trinta anos, acreditam inicialmente que se trata de um crime racial.

Ao mesmo tempo que está a fazer o seu trabalho, Graham está a tomar conta da sua mãe, que sofre de demência, e que lhe pede para procurar o irmão Peter. Graham vive com a responsabilidade de não só cuidar da mãe, mas também de ter que estar constantemente a proteger o irmão.

Durante o decorrer da investigação, vemos a relação dos parceiros, que percebemos que é mais do que profissional. Ria sente-se ofendida por Graham não ter conhecimento acerca da sua história e cultura, ele diz que ela é mexicana ou de Porto Rico, mas na verdade ela é de San Marino. Ela referencia que “não é tudo a mesma coisa” e que ele não tem qualquer tipo de sensibilidade ou interesse em respeitar a sua identidade cultural e, por conseguinte, a sua identidade individual. Graham cresceu numa classe social mais baixa, num meio social mais violento e à partida com menos oportunidades, mas lutou bastante para estudar e conseguir um emprego que lhe permitisse ajudar outras pessoas a terem melhor qualidade de vida e segurança.

A conclusão da investigação é que o polícia negro era corrupto e que por isso o polícia branco, no confronto armado em que se encontraram, teve legitimidade de disparar para se defender. Em ano de eleições para o cargo de “*District Attorney*” de Los Angeles (advogado de acusação de cada distrito nos EUA), o Ministério Público da cidade deseja manter a comunidade negra do seu lado e por isso pretendem utilizar este caso a seu favor. Desta forma, querem julgar o polícia branco, que já tem histórico de ter assassinado pessoas de cor, levantando a questão se é racista, e com a estratégia, ganharem e manterem o apoio das “minorias” a seu favor.

Tentam convencer o detetive Graham, dado que este está a liderar o caso, e é das poucas pessoas com conhecimento de todos os factos e acesso a todas as provas com o argumento que será bom para a comunidade negra, sentirem que justiça está a ser feita em seu favor. Ele mais do que ninguém, saberia o quão importante isso é.

Tentam ainda aliciá-lo com uma promoção e quando esse argumento não parece ser forte o suficiente para convencê-lo, prometem ajudar o seu irmão que tem cadastro criminal.

Graham acaba por ceder, tendo prometido à mãe proteger o irmão mais novo.

- “*Drug dealer cop or black fallen hero?*”

Esta é a expressão utilizada pelo assistente do advogado de acusação para convencer Graham a escolher qual das narrativas será contada. Esta instituição de influência da justiça americana escolhe qual a narrativa que será contada, qual a história que será conhecida, qual a voz que será projetada. Este é um exemplo claro do poder das instituições de influência em vigor nas sociedades, que decidem a quem “dar poder” e “palco”.

A versão que Graham decide apoiar é a que prevalecerá no tempo, por isso ele nesse momento tem voz e poder para decidir qual a narrativa dominante e qual a marginalizada. Passa, portanto, a ser um agente de política cultural.

Graham utiliza o seu poder e a posição em que se encontra para apoiar a versão que beneficiará os envolvidos. Talvez por ter crescido num ambiente em que se sentiu sem poder e ter sido dessa forma que adquiriu a sua identidade social, as expectativas, direitos e deveres que teria na sociedade em que está inserido, nunca pensou que teria possibilidade de escolha. Por essa razão, neste momento agarra essa chance, ou simplesmente porque queria proteger o seu irmão e esta era a opção que lhe daria poder

para o fazer. Graham acaba por encontrar o seu irmão Peter, morto a tiro na berma de uma estrada deserta.

John: História de Preconceitos, Racismo e Abuso de Poder

John Ryan é um polícia branco, com cerca de trinta anos. John é cuidador do seu pai idoso com problemas de saúde e que sofre de dores imobilizadoras. John tenta que o seu pai seja visto por um médico diferente pois o último não conseguiu ajudá-lo e não houveram melhorias no seu estado de saúde. Na verdade, o homem continua a piorar, o que está a condicionar a vida de ambos. A mulher que o está a atender, diz-lhe que não pode ajudá-lo pois existe uma lista de espera. Pela voz, John consegue perceber que a mulher é africana e trata-a mal, desligando-lhe o telefone na cara.

Após este momento, ele e o seu parceiro, Tom, jovem branco nos seus vinte anos, estão a fazer a sua ronda. Estão atentos a procurar um carro que foi roubado, e após um veículo com um casal negro passar por eles, John decide para-los. O carro não corresponde à descrição do que é suposto eles estarem a procurar e Tom habituado aos comportamentos do seu colega e sabendo dos seus preconceitos e racismo com pessoas de cor, diz-lhe que o casal não está a desrespeitar nenhuma regra e não é necessário fazer paragem.

John ordena ao homem que saia do carro, e o casal animado do seu jantar leva a situação na desportiva, e como algo que é muito natural. Cameron, homem negro nos seus quarenta anos, de classe social alta, passa o teste e comprova que não está alcoolizado, mas John continua a insistir.

Christine, a sua esposa, mulher negra nos seus trinta anos, bebeu álcool e está a começar a perder a paciência com a perseguição que estão a fazer ao seu marido. Esta sai do carro e responde ao polícia que nesse momento decide prender o casal. Christine insiste que não fizeram nada de mal e não pode simplesmente prende-los sem motivo. John assume que este comportamento é uma provocação e propõe ao marido uma solução. Enquanto explica, que esquecerá a situação toda e que os deixará retornar a casa, molesta Christine.

O seu marido em choque com a situação concorda e pede desculpa pelo comportamento de ambos. Finalmente John, sentindo-se empoderado após o comportamento atroz que teve com Christine entra no carro satisfeito.

Após este acontecimento Tom tenta mudar de parceiro, mas o Capitão, homem negro, mesmo sabendo dos comportamentos racistas de John, insiste que devem fazê-lo pela calada sem apresentar essa justificção pois pode prejudicar as carreiras de ambos, a sua por ser negro e pela história e perpetuação de racismo na Polícia de Los Angeles, e Tom porque é um novato que ficará com má fama entre os seus colegas.

John apesar disso apercebe-se e entende o porquê de Tom estar verdadeiramente a trocar de parceiro.

Com a situação do seu pai a piorar de dia para dia, John vai pessoalmente falar com a mulher que não o ajudou da última vez que ligou, expondo a situação e dizendo que existem homens brancos melhor qualificados para estarem na posição dela e que ela deveria estar agradecida por lhe terem dado a oportunidade (pessoas brancas). Ele defende que o seu pai nunca discriminou ninguém e sempre tratou todos como iguais. Acrescenta ainda que no seu negócio, o seu pai contratava toda a gente e pagava a todos de forma igualitária.

Mais tarde o seu pai foi despedido para darem oportunidades de trabalho a pessoas de cor e perdeu tudo: casa, mulher, saúde.

Baseado no contexto em que viu o seu pai, infeliz, desempregado, com dívidas, sem a mulher, John direcionou tudo isso como sendo da responsabilidade de pessoas de cor, pois associa-os à origem de todo este sofrimento e miséria. Desta forma, atribuindo-lhes essa responsabilidade e criando estereótipos, preconceitos e representações de acordo com essa ideia internalizada. Estamos perante um preconceito situacional, ou seja, a situação que ocorreu ao seu pai, para John está diretamente relacionada com pessoas de cor e ele cresceu com esses pensamentos exacerbados internalizados.

Em serviço, John ajuda após um acidente de carro e ao tentar resgatar a mulher que está presa dentro de um veículo capotado, reconhece que é a mesma mulher que tinha magoado dias antes, Christine. Nessa situação John tenta ajuda-la, mas ela ao reconhecê-lo de volta, recusa que lhe toque e entra em pânico. Ele insiste que ajudará e que ela morrerá se não o deixar retirá-la do carro. Ela acaba por aceitar a sua ajuda, num momento de desespero.

Os outros policiais no local não conseguem parar as chamas de se propagarem e tentam retirar John do carro que explodirá. Ele tinha prometido salvar Christine e mesmo após fisicamente o retirarem do veículo, ele voluntariamente retorna para a ajudar.

Ambos sobrevivem, sendo resgatados do carro um milésimo de segundo antes deste explodir. Christine é levada pelos paramédicos e nesse momento John chega à conclusão de todo o mal que lhe fez e pela primeira vez mostra arrependimento.

Christine e Cameron: História de Identidade Individual/Cultural e Opressão

Já em casa Christine quer reportar a situação que aconteceu, o tratamento racista e a violação de que foi alvo, e Cameron diz que não o devem fazer pois ninguém acreditará neles. Ela está revoltada pelo que lhe aconteceu e indignada por Cameron não ter feito nada. Ele discute que teriam morto os dois se não tivessem obedecido. Christine diz que o marido tem medo de homens brancos e que faz tudo o que lhe mandam.

Esta situação é vista na forma como Cameron age no seu trabalho. Podemos perceber que a percepção que a sua mulher tem, não está completamente errada. Numa divergência de opiniões entre Cameron, que é o diretor, e um produtor branco, após este lhe levantar a voz, Cameron acata o que lhe foi dito e faz a vontade ao homem, mesmo que nessa situação profissional tenha mais poder pois encontra-se numa posição hierárquica superior.

Cameron cresceu num país extremamente racista e onde as diferenças sociais e contextuais são abismais. Talvez por esse motivo, sinta que a raça dominante nos EUA, os brancos, têm mais poder, e que as suas opiniões são mais válidas que a sua. Permite, portanto, que a sua identidade cultural influencie a sua identidade individual, limitando a sua voz e liberdade.

Sente que a sua comunicação e, por conseguinte, a sua liberdade de expressão não é igualitária dado que pertence a uma raça de minoria, estabelecendo um padrão entre um grupo dominante e um grupo oprimido, neste caso, as pessoas brancas têm poder sobre as pessoas de cor. Cameron luta contra esta estrutura de sentimento enraizada em si, no momento que enfrenta os policiais brancos, desconstruindo esse sistema de valores que aceitou durante toda a sua vida.

Desigualdade de Gênero, Sexismo e Violência Contra as Mulheres

Em “Crash” temos muitas personagens diferentes e que experienciam e percebem a vida de forma muito distinta.

Algo que as mulheres da trama têm em comum é a discriminação e os comportamentos preconceituosos dos quais são alvo por serem mulheres.

Dorri filha de Farhad é desrespeitada pelo dono da loja de armas ilegais, quando este questiona o seu conhecimento acerca de armas de fogo, pois assume que por ser mulher, não sabe nada do assunto. É um comportamento de subestimação, o qual tantas mulheres experienciam.

Ria, detetive parceira de Graham, é tratada pelo mesmo como se fosse inferior. No momento de decidir qual a narrativa a ser contada sobre o tiroteio, o Ministério Público de Los Angeles apenas considera Graham como o responsável pelo caso quando ele e Ria são na verdade parceiros igualitários no mesmo. Consideram que por ser mulher não tem tanto poder ou que simplesmente concordará com a decisão tomada pelo parceiro.

Jean é tratada pelo marido como uma mulher frágil e mentalmente instável, é acusada de exigir muito dele e de ser demasiado emotiva após o roubo à mão armada que ambos sofreram. Ele considera que ela está a exagerar por ser mulher, e não porque sofreu uma experiência traumática que claramente deixou sequelas. Assumir que mulheres estão a ser muito emotivas e que não são racionais é algo propagado por uma sociedade machista e hierarquicamente influenciada pelo patriarcado, como desculpa para desconsiderar as suas opiniões.

Por fim, Christine é molestada, por um polícia do sexo masculino, como punição por tentar defender o seu marido. Nesse momento John “faz um acordo” com o marido de Christine dirigindo-se apenas a ele, como se ela nem estivesse presente. Poderíamos questionar que se fossem dois homens no carro nessa noite, o mesmo não teria acontecido.

O marido de Christine após o sucedido, não quer apresentar queixa por ter medo, mas também não considera o quão difícil a situação está a ser para a sua mulher que viu a sua intimidade violada e o seu corpo invadido. Nesse momento Cameron pensa apenas no que é melhor para si, enquanto que quando este estava a ser acusado e interrogado pelos polícias Christine impôs-se para o proteger.

Este pensamento antiquado que a mulher tem que aligeirar a vida do seu marido, pois esse é o seu “dever” é algo que só agora começamos a ver indícios de mudança. Relações e casamentos passam a ser considerados como parcerias igualitárias entre duas pessoas e não uma situação em que a mulher tem que “servir” o homem.

A violência de gênero, não é só física, mas simbólica de desvalorização e subjugação social da mulher, é um fenômeno tão antigo quanto a própria humanidade.

Culturalmente muitos progressos já ocorreram, mas se olharmos para o todo, sabemos que ainda existe um longo caminho a percorrer e muitas barreiras a destruir para a emancipação da mulher ser completa e para a igualdade de gênero ser alcançada.

Conclusão

“You think you know who you are? You have no idea.”

Esta é uma frase proferida no filme “Crash” que serviu de objeto de estudo para este artigo sobre narrativas modais da comunicação intercultural.

Esta questão de sabermos quem somos e quem os outros são está baseada em conhecimento. Conhecimento é a palavra chave quando abordamos cultura pois é necessário verdadeira reflexão, informação e clareza quando exploramos diferentes realidades. Possuir um conhecimento abstrato e generalizado não é suficiente para reconhecer culturas distintas da qual nos inserimos, mas acima de tudo é um entrave ao reconhecimento do indivíduo como pessoa singular.

Caracterizações exacerbadas, padronizadas e essencialistas acerca de outras culturas impedem-nos de conhecê-las verdadeiramente e de as respeitarmos, o que impossibilita uma socialização saudável levando ao preconceito, ofensa, discriminação e racismo. O caos instala-se e somos engolidos por conflitos que são baseados na perpetuação de ideias exageradas e irrealistas pré-existentes, derivadas de sistemas de valores arcaicos e ambíguos. É necessário empatia e vontade de aprender para lutar contra estes valores que não são compatíveis com a sociedade intercultural à qual pertencemos.

É neste âmbito que o filme “Crash” é tão importante pois demonstra como este desconhecimento e desinteresse atua numa sociedade durante o processo de socialização e nos conflitos que se instalam entre os diversos indivíduos. É importante notar que este processo de socialização é mutável ao longo do tempo e no espaço, e que sempre existirão mudanças e evoluções de estruturas de pensamento e sentimento e que, por isso, é necessário praticarmos uma visão hermenêutica do mundo, ou seja, não aceitar nada como garantido, estarmos sempre abertos a aprender, reler e interpretar os mais diferentes textos de forma distinta, questionando as dicotomias apresentadas nos seus determinados contextos.

Referências

Crash (2004 film) - Wikipedia. (2004). Wikepedia. Retrieved May 24, 2021 from [https://en.wikipedia.org/wiki/Crash_\(2004_film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Crash_(2004_film))

Crash (2004). (2004). Rotten Tomatoes. Retrieved May 24, 2021 from https://www.rottentomatoes.com/m/1144992_crash

AMÂNCIO, Lígia. (1994) *Masculino e Feminino: A Construção Social da Diferença*. Porto: Afrontamento.

BHABHA, Homi. (1994) *The Location of Culture*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1994.

CHARTIER, Roger. (1982) *A História Cultural: Entre práticas e representações*, trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002.

FERIN, Isabel. (2002) *Comunicação e Culturas do Quotidiano*. Lisboa: Quimera.

GEERTZ, Clifford. (1973) *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books.

HALL, Stuart (ed.). (1997) *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage.

HALLAM, E.; STREET, B. (2000) *Cultural Encounters: Representing Otherness*. London: Routledge.

IBANEZ, Beatriz Penas; SAENZ, M. Carmen Lopez (eds.) (2006) *Interculturalism: Between Identity and Diversity*. Bern: Peter Lang.

MARQUES, Lénia; BISCAIA, Sofia Pimentel; BASTOS, Glória (eds.) (2012) *Intercultural Crossings: Conflict, Memory and Identity*. Brussels: Peter Lang.

MAUDE, B. (2011) *Managing Cross-Cultural Communication*. London: Palgrave Macmillan.

SARMENTO, Clara (ed.). (2010) *From Here to Diversity: Globalization and Intercultural Dialogues*. Newcastle-upon-Tyne: Cambridge Scholars Publishing.

SARMENTO, C. (2014). "Interculturalism, Multiculturalism and Intercultural Studies: Questioning Definitions, Repositioning Strategies".